

Problema do clínico se inicia na escola

Bau da Felicidade põe médicos traumatizados

A propaganda do "carnet" das Organizações Sílvia Santos está traumatizando a pobreza dos médicos brasileiros e prevenindo-lhes dias piores, de descrédito profissional e desenfreado mercantilismo, aviltando o exercício da medicina e lesando os direitos dos incautos adquirentes do "Bau da Saúde".

A afirmação é do presidente da Associação Médica de Brasília, Cláudio de Paula Penna, quando comentava o artigo do presidente da Associação Médica Brasileira, Pedro Kassab, que sob o título "O Golpe do Bau" foi publicado recentemente no jornal daquela associação de âmbito nacional.

POSIÇÃO CONTRA

Declarando-se "certo de que a comunicação do ilustre presidente representa uma consulta prévia, uma sondagem para que a Associação Médica Brasileira tome uma forte e decisiva posição contra mais esta investida sobre a bolsa do doente brasileiro", pediu o médico Cláudio de Paula Penna que seja firmado um programa de ação, visando "demonstrar, ao Governo, a ilegalidade da iniciativa, e ao povo, a sua desonestidade".

- Estamos inteiramente de acordo com o presidente da Associação Médica Brasileira, Paulo Kassab, na formulação de suas idéias - afirmou Paula Penna, acrescentando:

- Acreditamos mesmo que previa, com "O Golpe do Bau", o golpe do Bau da Felicidade, cujas investidas sobre a poupança e a economia popular representam uma agressão inaceitável ao sistema do seguro de

saúde, cuja mercantilização combatemos, agravando-se ainda mais pelo sensacionalismo de que se reveste, misturando-se a saúde com o "carnet" de poupança para a aquisição de bens de consumo.

Sobre este último, lembrou ainda Paula Penna que, estando já regulamentado pelo Ministério da Fazenda, deverá sofrer maiores restrições, com as medidas do Conselho Monetário Nacional, que está fechando as portas contra a crescente inflação, "e não poderá aceitar esta porteira aberta para o enriquecimento desonesto de alguns".

- Não nos opomos sem razão às empresas mercantilistas que exploram o seguro-saúde, sob diversas máscaras, cuja regulamentação legal ainda não foi feita, pelas suas razões antiéticas e por encherem os bolsos daqueles que não participam diretamente do trabalho médico - prosseguiu Paula Penna, ressaltando que, "de qualquer forma, as empresas que exploram este condenado sistema mantêm-se com a maior discrição, não descendo à vulgaridade do Bau da Felicidade".

SOLVABILIDADE

Após observar que "a legislação brasileira incorporou a assistência aos estados patológicos entre os chamados riscos sociais, de modo claro e que não dá oportunidade a maiores polêmicas", declarou Pedro Kassab, através do Jornal da Associação Médica Brasileira, que "não se trata somente do que estatui a Lei Orgânica de Previdência Social, ou da presença da assistência médica entre os objetivos dos institutos que executam os seguros sociais

para servidores públicos ou para os que trabalham em atividades privadas".

Trata-se, segundo explicou em seu artigo, também do que está contido, "expressa ou tacitamente, em todas as providências pertinentes à organização da assistência, voltadas igualmente para o rumo da cotização compulsória e solvabilidade garantida, mediante responsabilidade do próprio Poder Público, na execução do método".

- É, pois, um imperativo de segurança social a constituição de um sistema em que todos sejam solidários e protejam-se reciprocamente quanto aos encargos decorrentes desse risco. De outra forma - concluiu - os mais fracos economicamente não dispõem de proteção alguma.

DECAPITAÇÃO

Destacando as contradições que levaram à não-regulamentação dos seguros, cujas bases ficaram estruturadas no Decreto-Lei 73, acrescenta Pedro Kassab que "os garimpeiros da matéria não desanimaram e, após os mal-sucedidos esforços de consolidação de maiores facilidades que o Decreto lhes proporcionaria, prosseguiram falcando, em busca de novas aberturas, portas ou janelas".

- Julgaram vislumbrar sua vereda nos procedimentos de captação de poupança - denuncia Kassab, ressaltando que, "a escassez, no caso, seria, antes, a decapitação da poupança".

- Em síntese - finaliza - de acordo com suas pretensões, serviriam aos seus propósitos os dispositivos que se aplicam a brindes e promessas de outros direitos, mediante pagamento antecipado.

A escassez de clínicos gerais e sua implicação no sistema de atendimento médico continua em debate. Em recentes declarações, o presidente do INPS, Reinhold Stephanes, afirmou que o percentual de clínicos formados

Adalberto Correa Café, vice-diretor da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília, atribui a insuficiência de clínicos gerais ao próprio INPS, que não estimula o crescimento deste número através de seus concursos. Segundo o prof. Café, se já existe uma tendência para a especialização em medicina, essa propensão é ativada pelas solicitações do INPS que só agora despertou para o assunto.

AO CONTRARIO

Para o presidente da Associação Médica de Brasília, Cláudio de Paula Penna "o INPS não tem culpa nenhuma, pois oferece um grande número de vagas. Só que os clínicos gerais não parecem".

Explicou Cláudio Penna que uma das razões da falta de clínicos se deve "menos ao mercado de trabalho, que ainda é muito grande, mas às próprias faculdades de medicina, que não orientam seus currículos, no sentido de formação do internista ou do policlinico. E, como a orientação das faculdades é dirigida para apresentar aos alunos de casos raros e dos últimos avanços tecnológicos na área médica, é natural esta tendência dos alunos no sentido de se especializar".

Cláudio Penna comentou que, ao ingressar numa faculdade de medicina, o aluno é colocado diante de uma vitrine de novos e sofisticados aparelhos que os deixa encantados com a tecnologia. Pensam logo em aprender rapidamente e poder utilizar o equipamento e não se preocupam em apalpar uma barriga.

- Um grande responsável também por esta escassez continua Cláudio Penna - é a própria classe médica. A valorização do clínico geral ou internista deve-se à classe

anualmente não atende à demanda da assistência e que em decorrência disto as despesas com saúde oneram o orçamento do paciente, que tem de percorrer vários consultórios, até que seu mal seja diagnosticado.

que, até o momento, não possui uma Sociedade Brasileira de Medicina Interna, não obstante sua maior antiguidade e sua maior importância em relação às demais especialidades. Na entanto grande número de especialidades possui sociedades nacionais e regionais, com a realização de atividades científicas, reuniões e congressos, estimulando ao máximo a valorização da especialidade. Concedem títulos de especialista, publicam periódicos científicos, valorizando, por todos os meios, os cultores da especialidade.

Cláudio Penna preocupa-se seriamente com este aspecto, tanto que está à frente de um movimento para a criação de uma sociedade, no sentido de desenvolver e estimular a formação de clínicos gerais. Segundo ele, esta sociedade será bastante importante, "não só no sentido do estímulo ao desenvolvimento técnico - profissional e cultural dos internistas, com a realização das mesmas atividades das demais especialidades e também da concessão de títulos que possam estimular a sua formação e o aumento dos cultores".

Acha - Cláudio Penna que o clínico geral está desvalorizado. Muita gente pensa que se o médico é clínico geral é porque ele não entende de nada profundamente. Cita o exemplo dos internistas que "estão nivelados, praticamente, ao de simples triagistas o que é absolutamente inadmissível, para a elevada importância que tem a medicina interna".

- As escolas não estão formando adequadamente os policlinicos, inclusive a Universidade de Brasília, que afirma aplicar um currículo compatível com as necessidades do clínico geral - disse Cláudio Penna, acrescentando que "deveria ser proibido, na faculdade, a formação de espe-

cialistas. E, mesmo fazendo residência, o aluno deveria passar, pelo menos um ano como policlinico, pois de nada adianta uma especialização sem antes ter sido um médico generalista".

- Inclusive - continua Cláudio Penna - a Associação Brasileira de Médicos Residentes tem reclamado inúmeras vezes que os concursos do INPS sejam no setor de clínicos gerais, limitados realmente aos policlinicos, não permitindo que os especialistas também os façam. E isto tem ocorrido sempre. Um neurologista, por exemplo, se inscreve e concorre, tanto para sua área como para clínico geral.

Cláudio Penna insiste em que não há falta de clínicos gerais, mas sim, "falta de formação de internistas qualificados, por culpa das faculdades, que não ensinam direito e também porque não há o título de internista, não há uma sociedade, estímulo com publicações, congressos e principalmente não são respeitados pelo público, não têm status. É o médico mais importante, e não tem título. O clínico geral tem que ser valorizado, como também deve ser exigido na formação do especialista a formação prévia de generalista".

Ele acha que o INPS estimula muito o clínico geral pagando as visitas médicas aos pacientes internados e não admitindo para os seus numerosos cargos de generalistas a não ser médicos com as devidas qualificações para medicina interna e policlinica, mediante comprovação.

Cláudio Penna conclui abordando o conceito antigo do clínico geral, configurado no "médico de família". Segundo ele, esta figura está desaparecendo na maior parte dos países, "o que é fruto do estado atual da organização social".

- O médico internista, além de médico, era o amigo o conselheiro, que participava, juntamente com o pároco, o juiz e o farmacêutico, do comando ético da comunidade em que militava. Mas, com a modificação da organização social e com o estado atual do progresso, em que todos nós vivemos muito apressados e muito superficiais em nossas relações, não há mais a possibilidade de prevalência do médico da família. A sua figura deve ser substituída pelo médico generalista que, dentro da nossa atual organização social desempenhará um papel saliente na organização comunitária, com perda natural da sua função patriarcal.

Penna refuta acusações

- Não é possível que tamanhos agravos aos médicos brasileiros tenham sido recebidos pelos presentes com tantas aclamações, ou a nossa reputação teria caído ao nível mais baixo e estaríamos sendo culpados pelo estágio atual das nossas deficiências no campo da saúde, igualmente de responsabilidade de toda a comunidade e do nosso governo.

A declaração foi feita pelo presidente da Associação Médica de Brasília, Cláudio de Paula Penna, referindo-se à afirmação do sociólogo holandês - Emanuel Kadt quando da realização da 28ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, sobre "desconhecer outro país onde a Medicina seja tão descaradamente negociada como no Brasil".

Segundo Cláudio Penna e duvidando da idoneidade do sociólogo, "os estudos do professor (?), são repetições de análises já realizadas por médicos, sociólogos e outros cientistas brasileiros e apresentados ao Governo, ao qual compete a sua apreciação e a realização de medidas possíveis e necessárias. Da maneira que o fez, contundendo a classe médica, já por demais traumatizada, demonstrou somente desejar a publicidade e desassossegar a opinião pública nacional no tocante aos seus principais valores".

Continua Cláudio Penna dizendo que "a propala da sofisticação da medicina brasileira confirma a ignorância do conferencista, e um sintoma universal e merece a

crítica de todos os médicos em diferentes países. A elevação tecnológica pode ser um bem, mas não deve ser levada ao exagero, porque aumenta os custos da medicina, tornando-a inacessível a maior parte do povo".

Disse ainda Cláudio Penna que "a afirmativa de que os médicos brasileiros têm uma situação de vida superior a dos seus colegas de países desenvolvidos, é falsa, ou muito teríamos a lamentar disto. Agravou-nos mais ainda, comparando a falsa opulência dos médicos brasileiros com o "desalento que se verifica quanto aos índices de doença e mortalidade no Brasil".

- No entanto - continua Cláudio Penna, o conferencista não teve coragem suficiente para atacar o Governo brasileiro, co-responsável com a comunidade e os médicos pelo nosso estágio sanitário atual, fazendo-se antes à nossa estrutura econômica e social, problema exclusivo de competência dos brasileiros. A democratização dos recursos humanos de saúde é necessária mas será difícil distribuir e ser justo na divisão dos pequenos meios disponíveis".

- As ofensas e restrições à classe médica brasileira não construíram nada de positivo - continua Cláudio Penna - mas serviram torpemente para os seus denegridores, para um recrudescimento de uma estúpida campanha suicida contra importante instituição social, que é a medicina. Chamar

a medicina brasileira de "descaradamente comercializada" evidencia a sua ignorância e má fé no assunto e a falsidade e imprecisão dos seus estudos e conclusões. Dizer que reside na pobreza, na subnutrição e nas doenças infecciosas os principais problemas de saúde no Brasil, é uma vulgaridade conhecida por todos os alunos de nossos cursos secundários. A crítica ao INPS, até certo ponto aceitável, não é correspondida com o desconhecimento do extraordinário esforço que vem esta autarquia realizando, não obstante sem dispor dos recursos orçamentários e necessários, o que vem causando à classe médica um sacrifício considerável".

Finaliza Cláudio Penna dizendo que "o doutor Kadt ultrapassou em muito os limites dos seus estudos, exorbitando-se nas suas conclusões e descambiando na agressão da classe médica brasileira, que suporta a maior carga das nossas deficiências e erros. Conhecemos e temos denunciado as falhas e desacertos de nossa medicina. O processo da melhoria da saúde corre paralelamente ao desenvolvimento econômico e social de um país. Isto se faz mais lentamente do que o desejável, mas principalmente os médicos mais antigos, são testemunhas vivas da melhoria de nossas condições nacionais. Temos o dever de protestar por uma maior participação da saúde e da assistência no orçamento nacional, pois nos dá a própria carne a maior carga do seu trabalho".